

## EDUCAÇÃO

# Ensino à distância: pequeno manual para lidar com a nuvem

**Aulas online voltam segunda-feira.** Mas não basta replicar a escola através de um ecrã

JOANA ASCENÇÃO

Pela segunda vez em menos de um ano, a pandemia obriga a voltar ao ensino através de meios tecnológicos e à distância. Os dois meses e meio de experiência de 2020 fazem com que o processo não se inicie do zero, mas é preciso não voltar a cometer alguns erros no “Ensino Remoto de Emergência 2.0”, como Marco Bento denomina o “ensino à distância”. Para este professor da Escola Superior de Educação de Coimbra e investigador em Tecnologia Educativa na Universidade do Minho, ensinar à distância requer mais do que “replicar o horário e o método das aulas presenciais, a olhar para um ecrã”.

Em março de 2020, para se adaptar de forma rápida e ágil, o sistema de ensino adotou opções de recurso. “Foi infeliz a opção por aulas síncronas nos horários da escola, um modelo com problemas pedagógicos e práticos, pelos recursos computacionais e de rede que exigem. Como podem dois irmãos sem rede de alta velocidade e um só computador ter aulas a manhã toda?”, questiona João Araújo, presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática que está a dar formação a professores de ensino à distância.

Para João Araújo, devia ter-se optado pelo ensino assíncrono ou por um sistema misto. “Lan-

çar professores para educação à distância sem modelo pedagógico é enviar soldados sem armas para um campo de batalha. Pediu-se que aplicassem um modelo que não funciona com meios que não existem.”

## Dois nuvens de atenção

A conceção de que um professor tem de “dar a matéria” não implica que o aluno aprenda. “Apenas resolve o problema dos professores, por ficarem de consciência tranquila”, atira Marco Bento, corroborado pela pedopsiquiatra Ana Vasconcelos, que no primeiro confinamento ouviu “as famílias falarem do quanto era difícil para os miúdos aguentarem a catadupa de matéria dada nas aulas digitais”.

A especialista explica porque: as crianças, principalmente as do 1º ao 4º ano, ainda têm dificuldade em estar muito tempo sem um substrato concreto e “costuma dizer-se que tudo o que vem da internet vem da nuvem”. Nestas idades, essa nuvem conflui com outra, a da cabeça, “com tendência a ir para o imaginário ou a distrair-se com objetos”.

Pela sua própria nuvem, as crianças podem ter dificuldades em concentrar-se “nos estímulos cognitivos que o professor envia através da nuvem da net”, retrata Ana. Para a aprendizagem ser eficiente, a pedopsiquiatra refere que elas têm de



Primeira regra: tarefas curtas e dinâmicas FOTO GETTY IMAGES

manter duas condições inatas: a curiosidade e o bem-estar.

Devem ser propostas tarefas curtas e dinâmicas e utilizadas ferramentas multimídia, diz Marco Bento. “E não se deve aceitar conversar online sem a câmara ligada, porque as reações e a conexão emocional necessitam desse contacto visual.” Para o investigador, é também fundamental desenhar um plano de trabalho a longo prazo, “para os alunos saberem o caminho que vão percorrer”.

Ana Vasconcelos acrescenta que mostrar às crianças que “são protagonistas da pandemia como nós” aumenta-lhes a autoestima, pelo sentido de responsabilidade, e contribui para reduzir a ansiedade da mudança abrupta.

Um estudo do Instituto de Apoio à Criança sobre o impacto do primeiro confinamento na saúde mental das famílias mostrou que há uma relação entre a ansiedade, depressão e stress dos adultos e a ansiedade das crianças, tendo sido visíveis “níveis mais elevados onde as rotinas familiares sofreram alterações”, explica a psicóloga Fernanda Salvaterra. “Mais do que zelar pela aprendizagem dos filhos, as famílias devem garantir a qualidade de vida durante a pandemia”, diz Ana Vasconcelos. O primeiro objetivo só se consegue quando o segundo.

jascao@expresso.imprensa.pt

## EXCLUSIVOS



## OS TURISTAS DO CONFINAMENTO

**MAIS SEGUROS AQUI** Estrangeiros de vários pontos do mundo ficaram em Portugal para passar a fase crítica da pandemia — e são praticamente os únicos clientes dos hotéis. Apesar do grande número de casos de covid nas últimas semanas, muitos dizem que se sentem “muito mais seguros aqui” e alguns gostam tanto de cá estar que acabaram por comprar casa.



## JOVENS MÉDICOS EM PANDEMIA

**ENTREVISTAS** Como é que a crise sanitária afetou a prática de médicos que entraram há pouco tempo na profissão e como veem o presente e o futuro da medicina em Portugal? O primeiro de uma série de entrevistados é Hugo Cordeiro, para quem as decisões — que deveriam basear-se em questões técnicas — estão a ser tomadas “com base em política”.



## FRONTEIRAS FECHADAS

**RAIA TRANQUILA?** No primeiro dia útil do novo encerramento de fronteiras, o Expresso foi ao Alentejo e ao Minho. Na fronteira entre Elvas e Badajoz, desapareceram os turistas e os trabalhadores transfronteiriços eram a esmagadora maioria dos casos fiscalizados. Em Valença, houve filas para entrar de duas horas de espera.

## P&R

### O que muda no calendário escolar na sequência da interrupção forçada das aulas?

Os 11 dias de pausa letiva determinados pelo Governo para o período de 19 de janeiro a 5 de fevereiro vão ser compensados em três momentos diferentes que deixam de ser de pausa. Assim, os alunos passam a ter aulas (à distância ou presencial, consoante a evolução da pandemia) a 17 de

dezembro, da Páscoa (25, 26 de março e 5 de abril) e numa semana após o que seria o final do ano letivo, em junho, mas que varia consoante o nível de ensino. Com estas alterações no final do 3º período, o Ministério admite mudar o calendário de provas e exames. A decisão será conhecida até 12 de fevereiro.

### O ensino à distância vai ser diferente em relação ao ano passado?

Para já, espera-se que o fecho das escolas não seja tão prolongado quanto foi em 2020 — de 16 de março até ao final do ano letivo, com exceção dos alunos do 11º e 12º que ainda regressaram em

maio. E a experiência tida no ano passado permitirá corrigir erros passados, como um excesso de aulas online. O Ministério da Educação enviou esta semana orientações às escolas para este período de ensino à distância — para já de duas semanas, embora o mais provável é que venha a ser prolongado, pelo menos para os alunos mais velhos —, lembrando que deverá haver um equilíbrio “entre atividades síncronas e assíncronas”. Ou seja, o horário letivo semanal é para cumprir, mas não deve estar concentrado em horas passadas em frente ao ecrã e deve ser adaptado em função dos níveis de ensino e características das turmas.

### E o problema da falta dos computadores?

No 1º período foram entregues 100 mil computadores aos alunos mais carenciados do ensino secundário, mas os restantes estudantes continuam à espera da prometida entrega. Até 25 de março devem chegar às escolas mais 335 mil portáteis para serem emprestados, desta vez com prioridade aos beneficiários da ação social escolar do ensino básico. Entretanto, várias autarquias, como a de Gaia ou de Cascais e outras, providenciaram a compra de milhares de computadores e tablets para os estudantes dos seus municípios. Estes equipamentos são essenciais

para o ensino a distância, tal como o acesso à Internet, mas não só. Os mais novos, sobretudo, vão precisar da ajuda dos pais, muitos em teletrabalho, obrigados a dividir a atenção entre a atividade profissional e o apoio aos filhos.

### A telescola continua a funcionar?

Sim. As aulas do #estudoemcasa continuam a dar nos dias úteis na RTP Memória e estão disponíveis na RTP Play e na aplicação. Este ano letivo, passaram a estar disponíveis na RTP Play conteúdos para o ensino secundário.

ISABEL LEIRIA  
ileiria@expresso.imprensa.pt

WORLD OF GAMING & SPORTS

Eleva ao épico

Parceria Institucional

POSICÃO 110 DO MEO

advnce.sic.pt